

DE FLORENCE A 1960, MAIS DE UM SÉCULO DE IMPRENSA EM CAMPINAS

— “Tendo tido o desejo, em 1830, de publicar uma Memoria tendente a fazer da voz dos animais um novo objeto de estudos da Natureza e estando em um país onde não há tipografia, compreendi o quanto seria util que esta arte fosse simplificada em seu aparelho e em seu processo, a fim de que todos pudessem imprimir quanto lhes fosse necessario. Desde então foi que me dediquei ao estudo das artes da impressão, com os poucos livros que então possuia.” — escreveu Hercules Florence, cidadão francês que montou a primeira tipografia (ou algo semelhante) em Campinas.

Mas o empenho de Hercules Florence de nada lhe valeu e pouco duraram as suas oficinas, pois que Campinas, naquela época, era um vilarejo de pouco mais de 7 mil habitantes, dos quais dois terços eram escravos negros, cafusos e mulatos. E os fidalgos que lá residiam eram, muitos deles, semi-alfabetizados, quando não, completamente anal-fabetos. Donde o francês escrever mais tarde que “só se ocupam (os campineiros) de politica, açúcar, café e carne humana”.

Hercules Florence era desenhista, fôra sertanista e só depois é que veio montar sua “tipografia” e, depois, comprar uma fazenda e estabelecer-se na então Vila de São Carlos. Mas não perdeu a mania de inventar coisas e em 1861 tentou refundar a sua tipografia, que chamava “poli-grafia”, mas desta vez ainda nada conseguiu, a despeito dos novos inventos e melhorias que imprimiu no seu sistema de compor. E Hercules acabou por não ser o fundador da imprensa campineira.

Primeiro jornal

Com o amanhecer do dia 4 de abril de 1858 a população da já cidade de Campinas leu o primeiro numero de um periodico da terra — “A Aurora Campineira”, nome sugestivo — pois daí então uma nova era surgiria para a cidade que se tornaria o terceiro grande centro comercial e industrial do Estado de São Paulo.

O editor era João Teodoro da Siqueira e Silva, santista de nascimento e a “Aurora Campineira” saía aos domingos; contudo, não foi muito bem recebida pelos cidadãos, que, embora não acostumados a tamanho progresso, não se empolgaram com a idéia de poderem esclarecer-se, com o auxilio de um órgão informativo e doutrinário, de 30 centímetros de altura por 20 de largura.

Uma semana depois, porem, a Camara Municipal de Campinas receberia um seco comunicado dos editores, João e seu irmão Francisco, este esquecido e ofuscado pelo brilhantismo do irmão mais velho. Este, se nenhuma vez levou tundas de autoridades municipais, publicas ou economicas, teve sobre si, durante os dois anos em que seu periodico foi distribuido aos 120 assinantes, nada menos que quinze processos, por calunia, injuria e outros crimes que “cometeu”, não se intimidando ante as ameaças do fogo (de garrucha) dos fazendeiros da época, que em nada diferiam de alguns atualmente em moda no interior do Brasil.

Em 10 de janeiro de 1860, o jornal mudou de editor e nome. Editor: Francisco Antonio de Araujo. Nome: “O Conservador”, órgão oficial do Partido Conservador. Nesta época, João Teodoro ficou apenas como proprietario da tipografia editora do novo órgão de imprensa. E ainda uma vez foi levado à Justiça, por causa de um artigo mal assinado, pelo qual se viu responsável. Condenado a sete meses de prisão, refugiou-se na fazenda de um amigo, de onde voltou só depois de ter sido nomeado um novo juiz para a comarca. Na volta, houve revisão do processo e João Teodoro escapou da prisão.

Mas, a mesma revisão não concluiu que a situação permanecesse a mesma, sendo determinado o fechamento de “O Conservador”, dez meses após circular com este nome.

João Teodoro abandonou a luta idealista que empreendera até então, recolhendo-se ao fundo de modesta tipografia — transformado em tipografo comercial, imprimindo convites e outras encomendas, sem mais lutar por nenhum ideal ou coisa semelhante. Nesta ocasião, um violonista boemio (consta) aprendeu com ele os primeiros rudimentos de tipografia, para depois de aprender jornalismo, tornar-se colunista da “Gazeta de Campinas”, e assinar — Francisco Glicerio.

Nove anos depois

Nove anos depois é que apareceu o segundo periodico de Campinas. A “Gazeta de Campinas” circulou pela primeira vez em 31 de outubro de 1869. O dinheiro para sua fundação veio do capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques, sogro de Francisco Quirino dos Santos, que estava à frente do periodico, auxiliado por Jorge Miranda, Campos Sales, José Maria Lisboa, que mais tarde fundaria o “Correio Paulistano”; e, posteriormente,

Francisco Glicerio. A redação ficava na “Rua de Baixo” (Dr. Quirino), esquina com a rua Formosa (Conceição).

A “Gazeta de Campinas” era um jornal declaradamente republicano. Surgiu então “O Constitucional”, jornal bi-semanal (como a “Gazeta”) e que combateria o liberalismo dos jovens poetas e escritores do órgão republicano. O orientador deste novo jornal era o bacharel em Direito João Gabriel de Moraes Navarro e o órgão durou pouco, vindo a se extinguir em março de 1876.

«Diario de Campinas»

O “Diario de Campinas” começou com a antiga tipografia de José Teodoro, comprada por Antonio Duarte de Moraes Sarmiento, Henrique de Barcelos e Gonçalves Pinheiro. Chamou-se, a principio, “A Mocidade”, depois, passando a bi-semanario, “Atualidade” e, em 19 de dezembro de 1875, “Diario de Campinas”, o maior jornal da cidade na época e o primeiro a circular diariamente. A “Gazeta de Campinas” só passou a ser editada cotidianamente em 1876, quando a amparou o Partido Republicano, e foi fechada em 1889, em maio, poucos meses antes de se verem concretizados os sonhos de seus idealistas diretores. Mas a “Gazeta de Campinas”, na ocasião do fechamento, tinha mais feição de jornal literario de que batalhador republicano. Seu diretor nesta época era o poeta Carlos Ferreira.

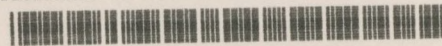
“O Diario de Campinas”, por sua vez, durou até 1901.

A imparcialidade do «Correio»

Quando “O Constitucional” se viu fechado em 1876, surgiu, logo após, a “Opinião Liberal”, que permaneceu na luta politica —

e publicitaria tambem — até principios de 1883. Surgiu tambem, por esta época, o “Correio de Campinas”, primeiro órgão jornalístico imparcial da terra de Carlos Gomes. Seu diretor era Henrique de Barcelos, que se afastara da redação do “Diario de Campinas”, e que, com muita sutileza, soube afastar seu órgão da luta entre monarchistas e republicanos, permanecendo como órgão apolitico, imparcial e noticioso.

Só depois de proclamada a Republica é que o “Correio de Campinas” se meteu na luta politica, contra Floriano Peixoto em 1891 a 1894, na luta entre os partidarios de Glicerio e Prudente, em 1897; e viveu ainda até o mês de dezembro de 1919, anunciando a renascença da cidade de Campinas, após o tragico surto de febre amarela que se verificou naquela cidade. Em sua ultima etapa, o “Correio” teve em sua



redação o político Heitor Pen-
teado, seu proprietário, então, e
o folclorista Benedito Otavio, que
mais tarde seria acadêmico, além
de Alberto Faria, que fora reda-
tor-chefe da "Cidade de Campi-
nas".
Ele foi o primeiro redator-chefe
da "Cidade", que pertencia a
Elias Lobo e teve seu primeiro
numero circulando no dia 27 de
dezembro de 1896 e o ultimo no
dia 31 de dezembro de 1915. Este
orgão teve como editoralista Pau-
lo Lobo, conhecido pelo seu sar-
casmo.

«Comercio de Campinas»

O idealizador e fundador do no-
vo jornal — o "Comercio de
Campinas" — foi Henrique de
Barcelos, que, graças ao seu pres-
tigio como jornalista — o maior
de Campinas, segundo na noti-
cias — conseguiu, em pouco tem-

po, fazer do diario o mais conhe-
cido e apreciado pelo publico cam-
pinense. O primeiro numero cir-
culou na manhã de 1.º de setem-
bro de 1900 e seu feitiço era nos
moldes do "Correio de Campi-
nas" — imparcial e noticioso.
Mas o prestigio do "Comercio"
apagou-se definitivamente quan-
do da morte de Barcelos, em 1911.
O jornalista morria após 40 anos
de luta na imprensa da cidade.
Entrou então em decadencia o
prestigado jornal, retirando-se
de circulação em 1920, após nove
anos de luta contra si mesmo,
por assim dizer. Saindo hoje, não
saindo amanhã. E quando saia,
apareciam em suas paginas os
nomes de Alvaro Miller e Ernesto
Kuhlman, que talvez tenham fel-
to com que os proprietarios ven-
dessem alguns exemplares a mais
do que valia pelo noticiario do
dia a dia.

Preludio ao modernismo

Alvaro Ribeiro aprendeu Jorna-
lismo com Henrique de Barcelos
e em 1912, um ano após a morte
do mestre, fez circular em Cam-
pinas o "Diario do Povo", seme-
lhante as linhas de Barcelos. Foi
neste orgão que Alvaro Ribeiro
conquistou a simpatia do publi-
co leitor, iniciando uma nova era
para o jornalismo campineiro. Era
o preludio ao jornalismo moder-
no. E era o proprio Alvaro Ri-
beiro que lançaria, mais tarde,
em 1927, o "Correio Popular", que
viria libertar Campinas do jor-
nalismo romantico de então. Só
não fora romantico o jornalismo
de Barcelos, embora ele tambem
apresentasse resquícios — e al-
guns bem acentuados — da esco-
la romantica dos primeiros jor-
nais.